

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS - DEECO

UM ESTUDO DAS PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO E A
RECONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE MARIANA

ANGÉLICA SILVA DE OLIVEIRA

MARIANA – MG
DEECO / ICSA / UFOP

2018

ANGÉLICA SILVA DE OLIVEIRA

**UM ESTUDO DAS PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO E A
RECONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE MARIANA**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Econômicas da Universidade Federal de Ouro
Preto como requisito parcial para obtenção do
título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof.Dr. Daniel do Val Cosentino

MARIANA – MG
DEECO / ICSA / UFOP
2018

O482e Oliveira, Angelica.
Um estudo das perspectivas para o desenvolvimento e a reconfiguração territorial de Mariana [manuscrito] / Angelica Oliveira. - 2018.

33f.: il.: color; graf.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Cosentino.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Econômicas e Gerenciais.

1. Desenvolvimento econômico - Mariana (MG) - Teses. 2. Mariana (MG) - Desenvolvimento econômico - Teses. 3. Mineração - Mariana (MG). I. Cosentino, Daniel. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 338.1(815.1)

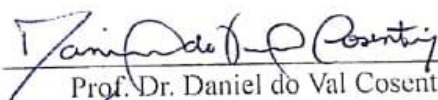
Catálogo: ficha@sisbin.ufop.br

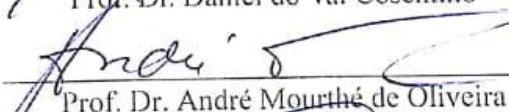
ANGÉLICA SILVA DE OLIVEIRA
Curso de Ciências Econômicas - UFOP

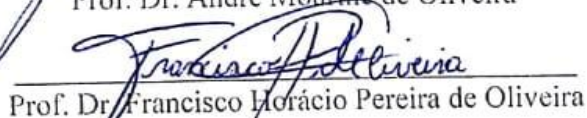
**UM ESTUDO DAS PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO E A RECONFIGURAÇÃO
TERRITORIAL DE MARIANA**

Trabalho apresentado ao Curso de Ciências Econômicas do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do Prof. Dr. Daniel do Val Cosentino.

Banca Examinadora:


Prof. Dr. Daniel do Val Cosentino


Prof. Dr. André Mourthé de Oliveira


Prof. Dr. Francisco Horácio Pereira de Oliveira

Mariana, 4 de julho de 2018

Como o pensador Karl Marx relata: “Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo.” Não devemos nos limitar em entender o mundo, mas sim buscar e lutar por melhorias e mudanças não só para realização pessoal ou profissional, mas sim por uma sociedade melhor.

Agradecimentos

O fim de uma etapa se encerra para que tantas outras possam começar, agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele nada é possível. A minha família por terem sido meu alicerce. Ao meu irmão, Dalton Junior, por cuidar e sempre me apoiar. A Henrique, pelo carinho e atenção que sempre teve por mim. Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado. A UFOP pelas oportunidades de aprendizado e de trabalhar junto a professores tão bons. Ao professor Daniel pela paciência e ao professor André por ter por ter me dado à oportunidade de trabalhar junto a ele no projeto de iniciação científica que foi minha inspiração para esse trabalho. Por ultimo e mais importante, aos meus pais, Antonio Dauto e Marlene, por terem acreditado que esse dia chegaria, por terem abdicado de suas vidas em função da minha e terem feito dos meus sonhos verdadeiros projetos de vida. Pai, Mãe, essa vitória é nossa, minha admiração, gratidão e amor é incondicional.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1. CAPÍTULO 01 : Desenvolvimento e Subdesenvolvimento	1
1.1 Introdução.....	1
1.2 Schumpeter e o desenvolvimento	2
1.3 CELSO FURTADO E O SUBDSENVOLVIMENTO	7
2 CAPÍTULO 2: ECONOMIA CRIATIVA E A TRANSFORMAÇÃO CULTURAL.....	13
2.1 ECONOMIA DA CULTURA COMO DESENVOLVIMENTO LOCAL	14
2.2 ARTESANATO, CULTURA E TURISMO COMO NOVAS FORMAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL	17
3 CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE RESULTADOS	20
3.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA GESTÃO, LEGISLAÇÃO E EQUIPAMENTOS DE CULTURA E DOS ARTESÃOS EM MARIANA SEGUNDO OS DADOS DA MUNIC (2014) E DO CENSO DEMOGRAFICO DE 2010.....	21
3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NAS ASSOCIAÇÕES FEIRA MARIANENSE DE ARTE, ARTESANATO E ANTIGUIDADE (FEIRAMART) E FEIRA DE ARTES E ATELIÊ DE MARIANA (FAM).	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Artesões em Mariana– Dados Censo 2010.....	22
Figura 2 - Idade Média dos Artesãos (Dados Censo 2010).....	23
Figura 3 - característica cor dos artesãos (Dados Censo 2010).....	23
Figura 4 - Nível de Escolaridade (Dados Censo 2010)	24
Figura 5 - Contribuição a Previdência (Dados Censo 2010).....	24
Figura 6 - Horas Semanais Trabalhadas (Dados Censo 2010)	25
Figura 7: Associação FAM.....	25
Figura 8: Associação AMAP	26

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre alternativas à mineração no município de Mariana/MG. Trata-se de redescobrir uma nova forma desenvolvimento, consequente fonte de renda, para a cidade. Herdeira um patrimônio histórico secular e que se caracteriza ao mesmo tempo como atrasada e periférica, dependente do ciclo da mineração, que por natureza já é em si uma atividade finita. Recentemente o problema se colocou enfaticamente com o rompimento da barragem da Samarco, no distrito de Bento Rodrigues, o com a queda significativa do preço do minério de ferro e o desemprego, além de prejuízos naturais imensuráveis. Isso despertou uma discussão com relação às perspectivas de desenvolvimento de uma região submetida ao ciclo da mineração. O desenvolvimento de Mariana há muito esteve vinculado quase que unicamente com a mineração. Nenhuma atividade econômica, até agora, pôde lhe opor sua oportunidade, lucratividade e capacidade de fornecer empregos. Embora lucrativo tal mercado submete toda uma população a situação de incerteza e de relativo empobrecimento. O perfil de uma região mineradora é típico: Produto Interno Bruto (PIB) per capita e índice de desigualdade elevados e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixo. Tal dinâmica impõe reflexão e práticas políticas voltadas para uma questão: como se trata de recursos escassos e exauríveis, o que esperar de um futuro nada auspicioso? Não se pretende aqui fornecer resposta cabal a tal questão, mas de analisar as demais riquezas da cidade como fonte de recurso. O presente trabalho tem como objetivo analisar formas de emprego e renda alternativas à mineração em Mariana. A cidade é legatária da riquíssima produção cultural de outros séculos. A memória ali, entretanto, está viva, perpetuada na atuação de diversos artesãos, músicos, grupos de artes cênicas e diversos saberes que, todavia, nem sempre se traduzem em bem-estar para seus agentes. O papel da criatividade aqui possui centralidade, a relação entre criatividade e desenvolvimento deriva de um conjunto complexo de interações entre diversas formas de capital, quais sejam, social, cultural, humano e institucional. As novas perspectivas de desenvolvimento e transformação (reconfiguração) territorial estão amplamente vinculadas às transformações culturais. Nesse sentido, este trabalho analisa a atividade artesanal de Mariana como objeto de estudo e foram escolhidas duas importantes associações de artesãos da cidade e realizada pesquisa qualitativa com os seus associados com o intuito de perceber a viabilidade desse ramo no tocante à geração de emprego e renda.

Palavras – Chave: Desenvolvimento; Subdesenvolvimento; Desenvolvimento Local.

ABSTRACT

This work aims think of alternatives to mining in the city of Mariana / MG. It is about rediscovering a new way of development, a consequent source of income for the city. Heir of a secular historical heritage and identity itself as backward and peripheral. Dependent on the mining cycle, which by nature is already in a finite activity. Recently, the problem was emphatically brought after Samarco dam's rupture in the district of Bento Rodrigues. Which led to a sharp fall in the price of iron ore and unemployment, as well as immeasurable natural damages. This triggered a discussion regarding development prospects of a region undergoing mining cycle. Mariana's development has long been linked almost exclusively to mining. So far, no economic activity has been able to oppose its opportunity, profitability and ability to provide jobs. Although lucrative, such a market puts a whole population under conditions of uncertainty and relative impoverishment. A mining region's profile is typical: Gross Domestic Product (GDP) per capita and high inequality index and low Human Development Index (HDI). Such dynamics impose reflection and political practices focused on an issue: how to deal with scarce and exhaustible resources, what to expect of an auspicious future? It is not intended to give a full answer to this question, this work intends to analyze others city wealths as a source of appeal. This paper aims to analyze forms of employment and income alternatives to mining in Mariana. Mariana has a legacy coming from the rich cultural production of other centuries. The memory, however, is alive, perpetuated in the performance of several artisans, musicians, groups of scenic arts and diverse knowledges that, however, do not always translate into well-being for their agents. The role of creativity is central, the relation between creativity and development drifts from a complex set of interactions between different forms of capital, social, cultural, human, and institutional. The new perspectives of territorial development and transformation (reconfiguration) are largely linked to cultural transformations. This work analyzes the artisanal activity of Mariana as object of study and two important associations of craftsmen of the city were chosen. A qualitative research with its associates was carried out with the intention of perceiving the viability of this branch regard to creation of employment and income.

Keywords: Development; Underdevelopment; Local Development.

1. CAPÍTULO 01 : Desenvolvimento e Subdesenvolvimento

1.1 Introdução

Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa, desenvolvimento é definido como: “Ação ou efeito de desenvolver(-se); desenvolvimento. Crescimento, progresso, adiantamento. Crescimento econômico, social e político de um país, região, comunidade etc. Aumento de qualidades morais, psicológicas, intelectuais etc.”

Enquanto subdesenvolvimento:

“Condição de um país, de uma região ou de uma economia, cujas principais características são: baixo padrão de vida, baixa renda *per capita*, pouco ou nenhum desenvolvimento tecnológico, deficiente exploração dos recursos naturais, insuficiente desenvolvimento das indústrias e dos transportes, mercado interno reduzido, agricultura atrasada, escolarização insuficiente ou de baixa qualidade, ausência de quadros técnicos e científicos, insuficiência ou má qualidade dos serviços de assistência e saúde, falta de incrementos para a pesquisa científica e tecnológica, dependência externa quanto a produtos industrializados.”

Neste capítulo abordaremos o desenvolvimento e o subdesenvolvimento como seu subproduto, por meio das visões dos autores Celso Furtado e Schumpeter, para que entendendo a origem desse fator como um todo, possamos aplica-lo a realidade da região de Mariana, que apesar de seu potencial turístico e artístico, vive quase que exclusivamente da extração de seus minérios – que é uma atividade de natureza finita visto que os recursos se exaurem – e hoje, após a tragédia do rompimento da barragem do Distrito de Bento Rodrigues, a cidade precisa explorar outras alternativas economicamente viáveis para o desenvolvimento da região.

O eixo estruturante da proposta são as visões da ciência econômica sobre alcance e possibilidades de desenvolvimento local. Esse é um ponto de vista comum a Furtado e Schumpeter. Parte-se da hipótese nem sempre observada de que economia é política. Mariana é herdeira da riquíssima produção cultural de séculos. A memória ali presente, perpetuada na atuação de diversos artesãos, músicos, grupos de artes cênicas e diversos outros que, todavia, nem sempre se traduzem em bem-estar para seus agentes. O papel da criatividade aqui possui centralidade, a relação entre criatividade e desenvolvimento deriva de um conjunto de interações entre diversas formas de capital, sejam elas, social, cultural, humano e institucional. As novas perspectivas de desenvolvimento e transformação (reconfiguração) territorial estão amplamente vinculadas a transformações culturais.

1.2 Schumpeter e o desenvolvimento

“Um fato nunca é puramente econômico; sempre existem outros aspectos em geral mais importantes ... O campo dos fatores econômicos está assim, antes de tudo, delimitado pelo conceito de comportamento econômico. Todos devem, ao menos em parte, agir economicamente; cada um deve ser um ‘sujeito econômico’(Wirtschaftssubjekt)”. (SCHUMPETER,1982, pág.9)

Em seu livro “A Teoria do Desenvolvimento Econômico”, Schumpeter parte inicialmente de uma linha de raciocínio simples, dando o exemplo do produtor de trigo e do padeiro, onde um produtor, mesmo sem analisar diretamente o mercado, sabe em média quanto plantar para atender a demanda do padeiro, que seria seu comprador, assim como o padeiro com relação a quantidade produzida e a demanda por pães, esse conhecimento não vem puramente da análise de mercado mais principalmente da experiência adquirida e dos conhecimentos passados. No entanto, nesse momento apenas afirmaremos que, na análise que se segue, vamos supor sempre que em cada período econômico todos vivem de bens produzidos no período.

O fluxo circular dos períodos econômicos – que é o mais notável – marcha relativamente rápido e como em todo período econômico ocorre basicamente a mesma coisa, o mecanismo de troca econômica se opera em grande precisão. Em alguns casos, como o apresentado, os períodos econômicos passados governam a atividade principal.

À parte os imprevistos que podem ocorrer por diversos motivos, todos os produtos produzidos devem ser vendidos, pois realmente só serão de fato produzidos tendo como referência as possibilidades do mercado empiricamente conhecidas. Entretanto, essa análise está interligada a outros fatores, como por exemplo a situação financeira de seus consumidores, o que depende de outros “n” fatores que influenciam nos mesmos.

Do fato de que todos os bens encontram um mercado, segue-se novamente que o fluxo circular da vida econômica é fechado, ou seja, que os vendedores de todas as mercadorias aparecem depois como compradores em medida suficiente para adquirir os bens que manterão seu consumo e seu equipamento produtivo no período econômico seguinte e no nível obtido até então e vice-versa.

Logo as famílias e as empresas tomadas individualmente agem de acordo com os elementos empiricamente dados e de uma maneira pré-determinada. Isso não quer dizer que não haverá mudanças, os dados podem sim mudar e todos agirem de acordo com essa mudança, porém não é uma medida imediata, até que sintam seus efeitos e se adaptem se for necessário, todos continuaram apegados aos métodos econômicos

habituais. Dessa forma, o sistema econômico não se modificará abruptamente, mas estará sempre interligado ao estado precedente dos negócios, que é chamado de princípio de continuidade de Wieser.

Schumpeter faz uma análise da economia como um mecanismo mais completo e interdependente, onde um dos fatores que interfere no consumo são os custos e suas preferências, a partir desse momento o autor mostra como os setores estão interligados, e que para a concepção do produto final é necessário a fusão de vários deles aliado ao conhecimento econômico e científico. Os cientistas têm por papel inovar, mais muitas vezes essa inovação não é posta em prática por fatores, como por exemplo a viabilidade de sua produção, sendo que muitas vezes um produto similar pode atender as demandas.

Os coeficientes de produção representam a relação quantitativa dos bens de produção em uma unidade de produto e, portanto, são características essenciais das combinações, o resultado dessas combinações são os produtos.

A teoria da imputação explica os valores de todos os bens individuais. Só resta acrescentar que os valores individuais não são independentes, mas se condicionam mutuamente. A forma como o indivíduo age não é um acidente mais tem uma base racional. Há um tipo de comportamento econômico que, sob condições dadas, estabelece da melhor forma possível o equilíbrio entre os meios disponíveis e as necessidades a serem satisfeitas.

Para uma economia de trocas como um todo há a mesma continuidade e, dadas as mesmas suposições, a mesma invariabilidade que existe para uma economia que não seja de trocas. A totalidade das relações econômicas constitui o sistema econômico, justamente como a totalidade das relações sociais constituem a sociedade. Há então um sistema social de valores, individuais, esses valores estão inter-relacionados de modo análogo na economia do indivíduo.

Eles atuam um sobre o outro mediante a relação de trocas, de modo que influenciam e são influenciados por todos os valores dos outros indivíduos. Nesse sistema social de valores se refletem todas as condições de vida de um país, nele são expressas todas as combinações. O sedimento do sistema social de valores é o sistema de preços. É uma unidade no mesmo sentido. Seguramente os preços não expressam uma espécie de estimativa do valor social de um bem. Na verdade, eles não são de maneira alguma a expressão imediata de um valor definido, mas apenas o resultado de processos que atuam sob a pressão de muitas valorações individuais.

Ainda permanecem dois fatos: primeiramente a mudança histórica, pela qual as condições sociais se tornam "indivíduos" históricos no tempo histórico.

Essas mudanças não constituem nem um processo circular nem movimentos peculiares em torno de um centro.

O setor econômico, igualmente, está aberto a uma variedade sem fim de pontos de vista e tratamentos, que se podem ordenar.

Em contraste com as condições de fluxo circular, isso não significa por si só que ano após ano "as mesmas" coisas aconteçam, apenas significa que concebemos os vários processos do sistema econômico como como fenômenos parciais da tendência de uma posição de equilíbrio, mas não necessariamente para a mesma. A posição do estado ideal de equilíbrio do sistema econômico, nunca atingido e pelo qual buscamos continuamente, sofre alterações por que os dados mudam.

As mudanças contínuas que podem eventualmente transformar uma pequena firma varejista numa grande loja de departamentos, mediante adaptação contínua, feita em inúmeras etapas pequenas, estão no âmbito na análise "estática". Mas esta análise não é apenas incapaz de prever as consequências das mudanças descontínuas na maneira tradicional de fazer as coisas; não pode explicar a ocorrência de tais revoluções produtivas nem os fenômenos que as acompanham. Só pode investigar a nova posição de equilíbrio depois que as mudanças tenham ocorrido.

Entenderemos por "desenvolvimento" apenas as mudanças da vida econômica que não lhe forem impostas de fora, mas que surjam de dentro, por sua própria iniciativa. Todo processo concreto de desenvolvimento repousa sobre o desenvolvimento precedente. Todo processo de desenvolvimento cria os pré-requisitos para o seguinte.

O desenvolvimento, no sentido em que o tomamos, é um fenômeno distinto, inteiramente diferente ao que pode ser observado no fluxo circular ou na tendência para o equilíbrio. É uma mudança espontânea e descontínua nos canais do fluxo, perturbação do equilíbrio, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente.

Devemos sempre começar da satisfação das necessidades, uma vez que são o fim de toda produção, e a situação econômica dada em qualquer momento deve ser entendida a partir desse aspecto. No entanto as inovações no sistema econômico não aparecem, via de regra, de tal maneira que primeiramente as novas necessidades surjam

espontaneamente nos consumidores e então o aparato produtivo se modifica sob sua pressão.

Produzir significa combinar materiais e forças que estão ao nosso alcance. Produzir outras coisas, ou as mesmas coisas com método diferente, significa combinar de outras formas esses materiais e forças. Na medida em que as "novas combinações" podem, com o tempo, originar-se das antigas por ajustes contínuos mediante pequenas etapas, há certamente mudança, possivelmente há crescimento, mas não um fenômeno novo nem um desenvolvimento em nosso sentido. Na medida em que não for este caso, e em que as novas combinações apareçam descontinuamente, então surge o fenômeno que caracteriza o desenvolvimento. Assim, temos o desenvolvimento definido através dessas novas combinações.

Esse conceito engloba os seguintes casos:

- Introdução de um novo bem – ou seja, um bem com que os consumidores ainda não estejam familiarizados – ou de uma nova qualidade de um bem.
- Introdução de um novo método de produção, ou seja, um método que ainda não tenha sido testado pela experiência no ramo próprio da indústria de transformação pode consistir também em uma nova maneira de manejar comercialmente uma mercadoria.
- Abertura de uma nova mercadoria, ou seja, um mercado em que o ramo particular da indústria de transformação do país em questão não tenha ainda entrado, quer esse mercado tenha existido antes ou não.
- Conquistar uma nova fonte de oferta de matérias-primas ou de bens semimanufaturados, mais uma vez independentemente do fato de que essa fonte já existia ou teve que ser criada.
- Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria, como a criação de uma posição de monopólio ou a fragmentação de uma posição de monopólio.

Devemos notar em segundo lugar, apenas parcialmente em conexão com esse elemento, sempre que estivermos interessados em princípios fundamentais, não devemos nunca supor que a realização de combinações novas tem lugar pelo emprego dos meios de produção que por acaso estejam sem ser usados. Na vida prática, isso ocorre com muita frequência. Há sempre trabalhadores desempregados, matérias-primas não vendidas, capacidade produtiva não utilizada e assim por diante. Esta certamente é

uma circunstância que contribui como condição favorável e mesmo como incentivo para o surgimento de novas combinações.

A realização de combinações novas significa, portanto, simplesmente o emprego diferente da oferta dos meios produtivos existentes no sistema econômico. Segundo Schumpeter: “O comando sobre os meios de produção é necessário para a realização de novas combinações.” (SCHUMPETER, 1982, p. 80).

Embora os três elementos formem um todo, o terceiro pode ser descrito como o fenômeno fundamental do desenvolvimento econômico. Chamamos “empreendimento” à realização de combinações novas, chamamos de “empresários” aos indivíduos cuja função é realizá-la.

A função do empresário é combinar os fatos produtivos, reuni-los.

O autor também questiona: “Por que então a realização de combinações novas é um processo especial e o objetivo de um tipo especial de função?” (Schumpeter, 1982, p.56).

Cada indivíduo leva a diante seus afazeres tão bem quanto pode. Um negócio não pode ser absolutamente perfeito em qualquer sentido, pode, no entanto, com o tempo, aproximar-se de uma relativa perfeição, considerando-se o mundo ao seu redor, as condições sociais, o conhecimento do momento e o horizonte de cada indivíduo ou de cada grupo.

Ao se descrever o fluxo circular deve-se tratar as combinações de meios de produção (funções de produção) como dados, como possibilidades naturais, e admitir apenas variações pequenas na margem, tais que todo indivíduo pode realizar ao adaptar-se às mudanças em seu ambiente econômico, sem desviar-se materialmente das linhas habituais.

Assim, nossa posição pode ser caracterizada por três partes correspondentes de oposição: Primeiramente, pela oposição de dois processos reais: O fluxo circular ou a tendência para o equilíbrio, por um lado, uma mudança dos canais da rotina econômica ou uma mudança espontânea nos dados econômicos que emergem de dentro do sistema, por outro. Em segundo lugar, pela oposição de dois aparatos teóricos: o estático e o dinâmico. Em terceiro lugar, pela oposição de dois tipos de conduta, que, seguindo a realidade, podemos descrever como dois tipos de indivíduos: os meros administradores e os empresários. E, portanto, um “melhor método” de produzir, no sentido teórico, deve ser concebido como o “mais vantajoso dentre os métodos que foram testados empiricamente e se tornaram conhecidos”.

Liderança, quer dizer, como um tipo especial de função em contraste com uma mera diferença de posição, que existiria em todo corpo social, no menor como no maior, em combinação com o qual essa diferença sempre aparece. A liderança econômica em particular deve, pois, ser distinguida da “invenção”. Enquanto não forem levadas à prática, as invenções são economicamente irrelevantes. E levar a efeito qualquer melhoramento é uma tarefa inteiramente diferente de sua invenção, e uma tarefa, ademais, que requer tipos de aptidão inteiramente diferentes.

Embora os empresários possam naturalmente ser inventores exatamente como podem ser capitalistas, não são inventores pela natureza de sua função, mas por coincidência e vice-versa. Além disso, as inovações, cuja realização é a função dos empresários, não precisam necessariamente ser invenções.

1.3 CELSO FURTADO E O SUBDESENVOLVIMENTO

Furtado emerge nos anos 1950, a partir dos estudos da Cepal (Comissão Econômica para América Latina e o Caribe), inaugurando o que veio a ser chamado de “método histórico-estrutural”, com o objetivo de explicar a formação dessas economias e sociedades no sistema capitalista para além da dominação colonial. O vigor da sua contribuição reside precisamente na tentativa de descobrir a especificidade da formação dessas economias e sociedades subdesenvolvidas.

O esquema teórico furtadiano explica as economias e as sociedades subdesenvolvidas mediante uma inversão da teoria das vantagens comparativas. Estas convergem-se numa espécie de “desvantagens comparativas”.

A especialização dos países da América Latina na produção de bens primários converte-se em desvantagem na medida em que os países centrais do sistema capitalista passam a ser predominantemente produtores e exportadores de manufaturados. Essa ligação depende sempre da demanda dos países centrais.

O atrasado é representado pela larga produção agrícola de subsistência. E tanto ele quanto as cidades devem ser alimentados pela agricultura de subsistência, o setor “atrasado” da economia, que tem dinâmica própria, inversa ao que se passa no setor “moderno”, exportador. O que configura o “dual-estruturalismo”.

A tese dual-estruturalista postula que o atraso do “atrasado”, ao elevar os preços dos alimentos, contribui para elevar os salários do “moderno” e, por essa razão, converte-se em obstáculos à expansão do “moderno”. A partir da “contradição sem negação” entre o

“moderno” e o “atrasado” nasce uma das mais importantes teses cepalino-furtadianas: a da inflação estrutural. A teorização cepalino-furtadiana faz-se em função da proposição de políticas – para sair do círculo vicioso do subdesenvolvimento e industrializar-se.

Com a proposta de industrialização, Furtado pretende solucionar todos os problemas: por um lado, corta a relação que deteriora continuamente todos os preços de intercâmbio, pois supõe – uma de suas falhas – que se os países latino americanos passassem agora a exportar produtos manufaturados em vez de bens primários, a relação de intercâmbio se modificaria favoravelmente a eles; por outro lado, põe fim a inflação estrutural que advém da insuficiência dinâmica do setor externo, derivada precisamente da relação de intercâmbio desfavorável.

No livro “O Mito do Desenvolvimento Econômico”, a pergunta principal de Celso Furtado é:

“Que acontecerá se o desenvolvimento econômico, para o qual estão sendo mobilizados todos os povos da terra, chega efetivamente a concretizar-se, isto é, se as atuais formas de vida dos povos ricos chegam efetivamente a universalizar-se? A resposta dessa pergunta é clara, sem ambiguidades: se tal acontecesse, a pressão sobre os recursos não renováveis e a poluição do meio ambiente seriam de tal ordem (ou, alternativamente, o custo do controle da poluição seria tão elevado) que o sistema econômico mundial entraria necessariamente em colapso” (FURTADO, 1974, p. 19).

Que opções se apresentam aos países que sofreram a deformação do subdesenvolvimento, em face das presentes tendências do sistema capitalista? Identificar a natureza do subdesenvolvimento não é tarefa fácil, muitas são suas variáveis, as que são facilmente visíveis nem sempre são as mais significativas. Mas se sabemos algo sobre o subdesenvolvimento é que nada tem a ver com a idade de uma sociedade ou país. E sabemos que o parâmetro para medi-lo é o grau de acumulação de capital aplicado aos processos produtivos e o grau de acesso aos bens finais. Mesmo para os mais leigos parece evidente que o subdesenvolvimento está ligado a uma maior heterogeneidade tecnológica, a qual reflete a natureza das relações externas desse tipo de economia.

Ao observarmos a economia mundial no decorrer do século XIX, perdemos a ocorrência de grandes transformações que se ordenam em torno de dois processos principalmente: o primeiro diz respeito a uma considerável aceleração na acumulação de capital nos sistemas de produção, e o segundo a uma não menos considerável intensificação do comércio internacional. Esses processos resultaram em aumentos substanciais da produtividade do fator trabalho, dando origem a um fluxo crescente que

seria utilizado para intensificar ainda mais o processo de acumulação e para financiar a ampliação do consumo privado e público.

O que cria a diferença fundamental e da origem a linha divisória entre desenvolvimento e subdesenvolvimento é a orientação dada a utilização do excedente que foi gerado pelo incremento da produtividade.

Os países que procuram criar um sistema econômico nacional, na segunda fase da evolução do capitalismo industrial, hajam protegido atividades agrícolas e outras, que não ofereciam “vantagens comparativas”. Mediante essa proteção eles asseguravam demanda ao setor industrial, compensando amplamente com incrementos de produtividade neste setor o que perdiam nas demais atividades “protegidas”.

Nos países em que as vantagens comparativas assumem a forma de especialização na exportação de produtos primários (particularmente os produtos agrícolas) e excedente adicional assume a forma de um incremento das importações.

A rápida industrialização da periferia do mundo capitalista, sob a direção de empresas dos países cêntricos, corresponde a uma terceira fase do capitalismo industrial. Essa fase iniciou-se com um processo de integração das economias nacionais que formam o centro do sistema, o que permitiu que grandes empresas se implantassem em todos os subsistemas nacionais e que as estruturas oligopólicas vissem a abranger o subconjunto desses sistemas.

O traço mais característico do capitalismo na sua fase evolutiva atual está em que ele prescinde de um Estado, nacional ou internacional, com a pretensão de estabelecer critérios de interesse geral disciplinadores do conjunto das atividades econômicas. Na medida em que as economias ganharam em estabilidade, a ação do Estado no plano social pode ampliar-se. Mas, a estabilidade e a expansão dessas economias dependem, fundamentalmente, das transações internacionais, e estas estão sob o controle das grandes empresas. Em primeiro lugar, a grande empresa controla a inovação – introdução de novos processos e novos produtos – dentro das economias nacionais, certamente o principal instrumento de expansão internacional. Em segundo lugar, elas são responsáveis por grande parte das transações internacionais e detêm praticamente a iniciativa nesse terreno. Em terceiro lugar, operam internacionalmente sob orientação que escapa em grande parte a ação isolada de qualquer governo. Em quarto lugar, mantem uma grande liquidez fora do controle dos bancos centrais e têm fácil acesso ao mercado financeiro internacional.

Isso deve ser entendido não como declínio da atividade política, mas como transformação das funções do estado e a emergência de uma nova forma de política. O que se interessa assinalar é que, estabelecida a preeminência política americana, criaram-se condições para que se dessem profundas modificações estruturais no sistema capitalista.

Dentro do vasto mercado chamado “economia internacional” constitui o setor em mais rápida expansão e aquele em que as grandes empresas detém do máximo de liberdade de ação. Toda tentativa de subdivisão desse espaço da parte de qualquer estado nacional, mesmo os Estados Unidos, encontrará resistência decidida das grandes empresas. Por outro lado, toda tentativa de compartilhamento reduzirá o ritmo da acumulação e da expansão econômica, no conjunto do sistema e mais particularmente no subsistema que haja tomado a iniciativa de isolar-se. A menos que pretenda modificar o estilo de vida de sua população e, de alguma forma, perder em grande parte as vantagens que significa integrar o centro do sistema capitalista, qualquer país, independentemente de seu tamanho terá que conviver com as grandes empresas, dirigidas de dentro ou de fora de suas fronteiras, respeitando a autonomia de que necessitam para integrar oligopólios internacionais. O fato é que a emissão de dólar ser um privilegio do governo dos Estados Unidos, constitui prova irredutível de que esse país exerce com exclusividade a tutela do conjunto do sistema capitalista.

“A intensificação do crescimento, no centro, decorre da ação de vários fatores, sendo um dos mais importantes as economias de escala de produção permitidas pela crescente homogeneização e unificação dos antigos mercados nacionais. Como a industrialização, que se realiza concomitantemente na periferia, apoia-se na substituição de importações, no quadro de pequenos mercados, é natural que os desníveis de produtividade tendam a aumentar e a descontinuidade estrutural dentro do sistema capitalista amplie-se”. (FURTADO, 1974, p. 46).

Uma das características desse quadro é a crescente internalização dentro das grandes empresas. Também observamos que grande parte das atividades industriais na periferia surgia integrada com fluxos de importação. Dessa forma, uma mesma empresa controla unidades industriais em um país cêntrico (ou em mais de um), em vários países periféricos e as transações comerciais entre essas distintas unidades produtivas.

A Cepal foi criada com o intuito de estudar o subdesenvolvimento latino-americano, procurando explicar suas causas, como também suas possibilidades de superação. No entanto, foi além desse projeto inicial, pois criou um instrumental analítico próprio, que englobava em um mesmo quadro os elementos: estrutural e dualista – pois a economia

mundial deve ser entendida como uma estrutura centro-periferia que se reproduz, só que em ritmos diferentes – e histórico – porque as causas do subdesenvolvimento, devem ser procuradas no seu encadeamento histórico.

Para Furtado e a Cepal o desenvolvimento é desigual – tanto pelas diferenças de grau e ritmo de desenvolvimento quanto pelas diferenças qualitativas entre setores que se desconhecem entre si – mas não é combinado. Os dois setores não têm relações articuladas: o setor “atrasado” é apenas um obstáculo ao crescimento do setor “moderno”, principalmente porque, por um lado, não cria mercado interno e, por outro, não atende aos requisitos da demanda de alimentos.

O instrumental analítico cepalino, acerca do subdesenvolvimento latino-americano tem como principais conceitos: subdesenvolvimento; industrialização induzida (é aquela que ocorre por estímulo direto do Estado); planejamento e desenvolvimento.

A análise do subdesenvolvimento envolve ainda a concepção, de que, dentro do próprio capitalismo, serão encontradas as possibilidades de superação da dependência.

Para Furtado, o subdesenvolvimento, corresponde a uma configuração específica da periferia do sistema capitalista, que se reproduz em diferentes níveis de crescimento.

A característica principal das economias subdesenvolvidas encontra-se na existência de uma deformação estrutural, caracterizada pelo dualismo atrasado-moderno, que resulta em crescentes desequilíbrios sociais, políticos e econômicos.

Sob essa perspectiva, a globalização representa o agravamento desse distanciamento entre centro e periferia, pois, além de provocar o crescente endividamento externo dos países dependentes, ainda evidencia as desigualdades sociais. Ou seja, o capitalismo global, estimula um crescimento econômico altamente excludente e recessivo.

O grande desafio dos países subdesenvolvidos, segundo o autor, é conceber um modelo de desenvolvimento, que leve em conta as particularidades de cada região.

Na ausência de um projeto de desenvolvimento nacional, a economia brasileira fica sob a mercê do capital financeiro internacional. Diante da ausência de racionalidade substantiva (racionalidade orientada pelo interesse social) e do atraso político da classe, o Estado fica totalmente nas mãos do mercado internacional, passando a adotar políticas monetárias, com explícitas tendência para a concentração de riqueza.

Enfim, segundo Furtado, não se recupera uma economia apoiando-se exclusivamente no mercado externo, pelo contrário, a globalização agrava a dependência e logo, o subdesenvolvimento.

Para Furtado (1978), a partir da década de 1970, a primazia dos países avançados não decorria meramente da industrialização ou do bem-estar, mas sobretudo do monopólio tecnológico, do conhecimento. Os caminhos do desenvolvimento, com isso, tornaram-se cada vez mais difíceis, uma vez que certas quebras estruturais não se dariam senão em nível global. A nova agenda do desenvolvimento seria feita por meio dos seguintes elementos, para cada país em desenvolvimento: controle da tecnologia; controle das finanças; controle dos mercados; controle dos recursos naturais, controle da mão de obra.

O desenvolvimento, assim, reveste-se não só de elementos econômicos, mas de um conjunto de práticas que reencontrem o indivíduo consigo mesmo, aspecto inovador da abordagem de Furtado. Para tanto, novas dimensões se impunham, cidadania, meio-ambiente, direitos de minorias, entre outras. Desenvolvimento, afinal, é multiplicação de possibilidades humanas, é liberdade.

2 CAPÍTULO 2: ECONOMIA CRIATIVA E A TRANSFORMAÇÃO CULTURAL

O ponto de partida para este estudo é o fato de que os debates em torno desta temática permitiram que surgisse uma compreensão de desenvolvimento associada a um processo de múltiplas dimensões, tornando os aspectos econômicos, social, político, ambiental e cultural inseparáveis.

Na problemática do desenvolvimento latino-americano é possível identificar um deslocamento em direção ao local. Assim, em um primeiro momento, marcado pelo surgimento da CEPAL, uma das grandes contribuições foi identificar duas estruturas econômicas distintas, notadamente centro e periferia, fator que demandava um esforço próprio de elaboração teórica e política sobre as perspectivas e características do desenvolvimento nos países periféricos.

Nos anos 90, simultaneamente ao processo de globalização econômica e ao fortalecimento de políticas de descentralização, o desenvolvimento local desperta grande interesse, constituindo-se em objeto de diversos estudos. Embora com características e perspectivas diversas, as análises tendem para o local como um espaço de efetiva atuação de diferentes indivíduos e segmentos sociais na busca do desenvolvimento.

Assim como o local surge do espaço de atuação dos atores, a construção de articulações que facilitem a concretização desta atuação constitui etapa fundamental na promoção do desenvolvimento.

Neste sentido, por meio de elementos observados em diversas experiências – o protagonismo local, a articulação entre organização e conhecimento, o fomento ao empreendedorismo integrado a redes e cadeias produtivas, a criação de novos espaços públicos de decisão e gestão, a mudança de cultura política, entre outros fatores – adquirem grande importância no processo de desenvolvimento local.

A Gama maravilhosa de culturas que já surgiram sobre a terra testemunha o fabuloso potencial de inventividade do homem. Se algo sabemos do processo de criatividade cultural é exatamente que as potencialidades do homem são insondáveis: a nível de acumulação que hoje nos parecem extremamente baixos produziram-se civilizações que, sob muitos aspectos, não foram superados. Também sabemos que essa criatividade faz-se dentro de um espaço descontínuo que se amplia abruptamente e que tende a saturar-se. Tudo se passa como se determinada mensagem inicial – autêntica

mutação – contivesse um programa pelo qual se pautará o comportamento futuro do processo criativo. (FURTADO,1978,p.82)

O papel da criatividade aqui possui centralidade econômica. Sua definição é bastante diversa, tanto nas respectivas áreas de estudo, quanto nas dimensões que a envolvem. A terminologia, via de regra, está vinculada às áreas artística, científica e econômica, sendo que nesta última a criatividade se aproxima das inovações de produto e processo (MACHADO, 2016). Ela é imprescindível aqui para a definição de economia e indústria criativas, bem como de capital. Sua acumulação passa pelas instituições, por práticas quotidianas e formação de recursos humanos.

Uma reflexão sobre a nossa própria identidade terá que ser o ponto de partida do processo de reconstrução que temos pela frente, se desejamos que o desenvolvimento futuro se alimente da criatividade do nosso povo e contribua para a satisfação dos anseios mais legítimos deste. Devemos pensar em desenvolvimento a partir de uma visualização dos fins substantivos que desejamos alcançar e não da lógica dos meios que nos é imposto exterior. A superação do impasse estrutural que está no fundo de nossa crise somente será lograda se o desenvolvimento futuro conduzir a uma crescente homogeneização de nossa sociedade e abrir espaço à realização das potencialidades de nossa cultura. (FURTADO,2012p. 33)

Em um país como o nosso, em que os que detêm o poder parecem obsessos pela mais estreita lógica economicista ditada pelos interesses de grupos privilegiados e empresas transnacionais, falar de desenvolvimento como reencontro com o gênero criativo de nossa cultura e como realização das potencialidades humanas pode parecer simples fuga da utopia.

O processo de mudança social que chamamos de desenvolvimento só se apreende cabalmente quando o relacionamento com a ideia de criatividade. Desenvolvimento é a utilização do excedente, o qual abre um horizonte de opções, vale dizer, um excedente adicional cria um desafio à inventividade. (FURTADO,2012,p.43)

2.1 ECONOMIA DA CULTURA COMO DESENVOLVIMENTO LOCAL

A política cultural consiste em um conjunto de medidas cujo objetivo central é contribuir para que o desenvolvimento assegure a progressiva realização das potencialidades dos membros da coletividade. Ela pressupõe um clima de liberdade e a existência de uma ação abrangente de poderes públicos que dê prioridades ao social. Essas são condições necessárias para que a atividade cultural brote da própria sociedade, para que se manifeste e desabroche o gênio criativo dos indivíduos. Mas não são condições suficientes para que obtenha um desenvolvimento cultural. Igualmente necessário é uma ampla difusão dos valores, a fim de que estes se incorporem efetivamente ao viver da população. (FURTADO,2012p 65)

No Brasil as transformações econômicas, tecnológicas e sociais foram muito intensas nestas três últimas décadas e acarretaram grandes mudanças nas formas de trabalho, no modo de vida e comportamento das pessoas, no papel do Estado e da cultura. E o lugar do desenvolvimento modificou-se também.

Se anteriormente ele considerava a cultura do local como atraso e obstáculo ao mesmo, atualmente percebemos que os processos de desenvolvimento melhor sucedidos ocorrem a partir das especificidades da cultura local.

Não há como negar que a evolução tecnológica dos suportes permitiu que se intensificasse a difusão da mensagem artístico-cultural. Sem a invenção da imprensa, por exemplo, a cultura clássica não teria penetrado no mundo europeu nos séculos XVI e XVII da forma maciça que conhecemos, motivando uma explosão de criatividade. Más também foi a revolução tecnológica dos suportes na época contemporânea que deu origem ao que chamamos de cultura de massa, uniformizadora dos gostos e transformadora de populações inteiras em passivos consumidores de produtos culturais fabricados em grande escala.

Para pensar a cultura como dimensão da sociedade, como aspecto de um processo produtivo, é necessário penetrar num campo conceitual pouco explorado, que é a economia da cultura.

O Instituto de Promoção Cultural (IPC) foi concebido para dotar o Ministério de um estado-maior capaz de valorizar a dimensão econômica de nossos projetos, na medida em que as atividades culturais devem ser observadas como um processo de produção. Antes de tudo, estamos preocupados com a criatividade que emana diretamente das forças sociais. Mas, do ponto de vista do Estado, também é fundamental a preocupação com o fluxo de produção cultural.

Cabe ao IPC acompanhar o avanço desses estudos que se realizam em todo o mundo, recolher a experiência de outros e, mais importante, agir pioneiramente para que se desenvolvam, entre nós, o conhecimento sobre a economia da cultura.

O impacto do avanço tecnológico no campo da cultura – entendida esta no sentido restrito que nos interessa—assumiu formas particulares. Seu impacto mais imediato foi no que correntemente se chama de “suporte do processo cultural”, ou seja, suporte do espetáculo.

Devemos ter sempre em mente o objetivo de preservar o gênio inventivo da cultura brasileira diante da assimilação de técnicas que, se aumentam nossa eficácia, são por vezes vetores que podem mutilar nossa identidade cultural. Em síntese, em uma

sociedade democrática, na qual se amplia o horizonte de aspirações da cidadania, tornando-se mais complexo o processo de desenvolvimento, já não basta intensificar a acumulação; mais importante ainda é abrir espaço a participação e ativar a criatividade, é possibilitar o desenvolvimento cultural partindo do pressuposto da própria identidade e do nutrir-se de raízes próprias. (FURTADO, 2012, p.77)

Os objetivos específicos do campo cultural que vem orientando o Ministério da Cultura sintetizam-se em quatro diretrizes:

- A preservação do desenvolvimento de nosso patrimônio cultural, visto como um todo orgânico que deve se integrar no cotidiano da população;
- O estímulo à produção cultural, sem interferir na criatividade, mas prestando o necessário apoio ali onde ela se materializa em bens e serviços de ampla articulação;
- O apoio à atividade cultural ali onde ela se apresenta como ruptura com respeito às correntes dominantes, ou como expressões de grupos diferenciados por raízes étnicas, históricas, sociais e mesmo geográficas;
- O estímulo à difusão e ao intercâmbio culturais visando a democratizar o acesso a nosso patrimônio e a bens e serviços culturais dentro do país e além de nossas fronteiras.

A ação sociocultural do Ministério demonstrou ser um enorme desafio. Valorizar a cultura no cotidiano, melhorar a qualidade de vida dos grupos socialmente mais vulneráveis são metas essenciais da política cultural num país, como o nosso, de tão agudas desigualdades sociais.

A partir dessa visão, foram definidos os seguintes objetivos no campo cultural: preservação do patrimônio e da memória culturais, estímulo à reconhecida criatividade de nosso povo, defesa da identidade cultural do país e democratização do acesso aos valores culturais.

A perspectiva aqui é que o desenvolvimento pode estimular a articulação dos mais diversos segmentos da sociedade local para descobrir soluções dos principais problemas que são inerentes a ela.

Para Reis (2011) predominam na economia criativa as pequenas e médias empresas (MPE's), sendo que muitas delas são micro ou mesmo individuais, e nos mais diversos setores criativos, tanto em países desenvolvidos, quanto nos em desenvolvimento. Apesar disso, as micro e pequenas empresas criativas enfrentam

dificuldades, notadamente as assimetrias de informação, a dificuldade de reter talentos, entre outras.

Segundo o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), as MPE's representam cerca de 99% das empresas do país, respondem por 20% do PIB nacional e 56% dos trabalhadores com carteira assinada. No caso da economia criativa, em que pese a carência de dados disponíveis acerca das MPE's, os poucos números existentes são indicativos de um potencial promissor. De modo geral, as empresas criativas trabalham em um contexto que não é muito favorável.

2.2 ARTESANATO, CULTURA E TURISMO COMO NOVAS FORMAS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Patrimônio e memória são concebidos não apenas como acervo da herança cultural, mas como um todo orgânico cuja significância cresce à medida que se integra no viver cotidiano da população. Assim, procura-se articular o trabalho de preservação com o estímulo à inovação, dentro da concepção de que o ato criativo é tanto ruptura como processo que se alimenta de herança cultural, a qual é capturada no seu recorte histórico regional, em suas relações com o ecossistema e lavando na devida conta a estrutura social em que se emerge.

A experiência demonstrou que a elevação do nível de vida material está longe de ser seguida automaticamente de melhoras nos padrões de vida cultural. Na realidade, a tendência predominante é para a reprodução da estratificação social herdada do passado. Quais quer que sejam as antinomias que se apresentem entre as visões da história que emerge de uma sociedade, o processo de mudança social que chamamos desenvolvimento adquire certa nitidez quando relacionamos com a ideia de criatividade. (FURTADO, 2012, p.81)

O artesanato em Mariana entra no cenário das atividades criativas e que podem se tornar relevantes para geração de emprego e renda, principalmente a partir do potencial de produção local. O estímulo ao artesanato e ao turismo é uma alternativa ao desenvolvimento local, na medida em que possibilita não apenas a inserção como a reinserção de áreas estagnadas, como também podem viabilizar o resgate da cidadania e da autoestima dos chamados “excluídos” (SANTOS, 2010).

A riqueza cultural pode ser expressa em muitas e diferentes manifestações, algumas delas de caráter inovador com as características da tradição e dos hábitos

locais. O artesanato para os segmentos populares se baseia na experiência vivida e transmitida de geração para geração.

A produção artesanal não só contribui na melhoria da condição de vida das famílias, como também contribui para um desenvolvimento sustentável de regiões com potencial produtivo. Nesse sentido, o artesanato que se vincula ao turismo pode e deve ser utilizado como instrumento impulsionador do desenvolvimento local.

O turismo é uma atividade importante para uma parcela significativa de municípios brasileiros, e a criatividade e artesanato são insumos fundamentais do processo de consolidação dessa atividade. Os aspectos relevantes que justificam a estruturação em redes organizacionais ou via arranjos produtivos locais, são aqueles que se vinculam às economias externas locais, forma de organização, coordenação e condicionantes históricos, institucionais, sociais e culturais.

“Os sistemas produtivos locais têm como mercadorias bens e serviços artesanais, que possuem diferencial competitivo definido a partir da imersão de variáveis históricas, sociais e culturais regionais, que são formatadas por empreendedores locais. O valor destas mercadorias é definido a partir da singularidade do trabalho abstrato que é expresso em bens e serviços regionais. A potencialidade econômica destas mercadorias é uma consequência do desenvolvimento do sistema de produção em redes organizacionais de indústrias criativas artesanais, que são operacionalizadas para atender demandas dos mercados e são coordenadas localmente pelos empreendedores comerciantes.” (SILVA & NEVES, 2009)

Atualmente ocorrem novas combinações dos fatores de produção e de novas formas de organização do trabalho executadas pelos comerciantes locais. As modificações e inovações que ocorreram neste sistema de produção viabilizaram ganhos competitivos a partir do aumento do fornecimento de matéria-prima, que eram fabricados na própria residência dos artesãos. No Brasil as transformações econômicas, tecnológicas e sociais foram muito intensas nestas três últimas décadas e acarretaram grandes mudanças nas formas de trabalho, no modo de vida e comportamento das pessoas, no papel do Estado e da cultura.

Os benefícios do turismo em Mariana ainda são bastante discretos, em comparação com Ouro Preto. Entretanto, a memória cultural dessa cidade é bastante diversa de sua cidade-irmã, com peculiaridades nem sempre exploradas. O problema, no entanto, reside na precariedade do setor de serviços, por um lado, por outro, no fomento à preservação desse patrimônio cultural. Embora a memória cultural seja valor em si mesmo, difuso em toda a sociedade brasileira, os desafios impostos à população marianense são ainda maiores, já que a combinação de turismo e memória não resulta

em ganhos diretos ou imediatamente visíveis para a população. É importante lembrar que o fomento ao turismo impõe, ao mesmo tempo, um incentivo à preservação e vice-versa. Mariana apresenta anualmente um conjunto de atividades culturais/artísticas, religiosas e esportivas que são pouco analisadas enquanto impacto sobre a renda e emprego local.

Quais quer que sejam as antinomias que se apresentem entre as visões da história que emerge de uma sociedade, o processo de mudança social que chamamos desenvolvimento adquirir certa nitidez quando relacionamos com a ideia de criatividade. (FURTADO, 1978, p.81)

Para pensar o desenvolvimento é importante também refletir sobre o papel mediador que o Estado possui, bem como sobre uma identidade local que se concilia com estruturas políticas, institucionais e culturais mais amplas. Embora sua capacidade de ação esteja condicionada pela baixa capacidade fiscal, deve-se destacar que existe um espaço crescente para iniciativas que, atraindo e coordenando os atores relevantes, podem estimular o desenvolvimento. Trata-se de ações que se dão, em grande medida, pela constituição de parcerias com empreendedores, sindicatos, associações empresariais, organizações da sociedade civil, agências de financiamento e fomento e instituições de ensino, pesquisa e assistência técnica. Um ponto central é a identificação das potencialidades do município em termos de recursos naturais e humanos. (QUEIROZ, 2011)

Na economia capitalista o processo de acumulação marcha sobre dois pés: a inovação, que permite discriminar entre consumidores, e a difusão, que conduz à homogeneização de certas formas de consumo. Ao consumidor cabe um papel essencialmente passivo: a sua racionalidade consiste exatamente em responder “corretamente” a cada estímulo a que é submetido. As inovações apontam para um nível de mais altos gastos, que é a marca distintiva do consumidor privilegiado. Mas o padrão inicialmente restritivo terá de ser superado e difundido, a fim de que o mercado cresça em todas as dimensões. As leis desse crescimento condicionam a criatividade.

3 CAPÍTULO 3: ANÁLISE DE RESULTADOS

A alternativa escolhida é considerar que um indicador chave do desempenho econômico da experiência é a efetiva capacidade de inserção nos mercados de trabalho e consumo, enquanto aspectos indissociáveis do exercício da cidadania. A relevância desta abordagem é realçada quando contrastada com características fortemente presentes no processo econômico da globalização em curso, como a ampliação da exclusão social.

É forçoso reconhecer que permanece o desafio de construção de formas de mensuração dos impactos das iniciativas, que incluam os aspectos econômicos e deem conta das demais dimensões do desenvolvimento. Isto se articula a própria necessidade de constituição de sistemas de informações locais e regionais, capazes de orientar os diversos atores na formatação de políticas.

Entretanto, é necessário considerar que, de maneira geral, sob o enfoque dos resultados quantitativos, o impacto econômico produzido nas diversas iniciativas ainda é limitado. Os resultados preliminares dessa pesquisa têm mostrado que as conquistas econômicas – no sentido mais estrito – estrito aquém dos modelos projetados pelos atores sociais e das expectativas criadas.

Francisco de Oliveira afirma que “o desenvolvimento local é uma noção polissêmica, e necessariamente comporta tantas quantas sejam as dimensões em que se exerce a cidadania”(2002, P.13), lembrando-nos que “as potencialidades e virtualidades do local são, em grande medida, políticas e efeitos da política(...) [e que] o local é de alguma maneira, uma construção das esquerdas” (2002,p.25). De fato, essa euforia em torno do “poder local” é motivada pela crença, difundida nos últimos anos, de que é possível exercer nesse nível de governo uma nova forma de poder e de gestão do Estado. E as experiências que tiveram êxito e/ou são inovadoras estão aí para comprovar que é possível realizar gestões mais populares, honestas e comprometidas com o interesse público. Porém, ainda conforme o autor acima, é importante que esse entusiasmo “não nos faça esquecer as dimensões do local”, as suas limitações.

Por isso que pouco a pouco parece amadurecer a ideia de que a meta do desenvolvimento local não poder ser alcançada apenas por meio de políticas públicas. Trata-se, cada vez mais, como afirmam os técnicos do DESER, da “construção de uma nova cultura e de ações voltadas para a construção de um objetivo comum”, surgindo o desenvolvimento local como “o resultado da ação articulada do conjunto dos diversos

agentes sociais, culturais, políticos e econômico, públicos ou privados, existentes no município e região, na construção de um projeto estratégico que orienta as suas ações a longo prazo”.(FRANÇA,202p.126)

3.1 BREVE CARACTERIZAÇÃO DA GESTÃO, LEGISLAÇÃO E EQUIPAMENTOS DE CULTURA E DOS ARTESÃOS EM MARIANA SEGUNDO OS DADOS DA MUNIC (2014) E DO CENSO DEMOGRAFICO DE 2010.

A existência de um órgão gestor de cultura e a sua caracterização é um indicador do grau de importância que o setor cultural tem para a administração municipal. Esse órgão tem como finalidade formular e implementar uma política pública de cultura e articulação de ações conjuntas entre os vários atores que atuam no campo cultural. Em Mariana não havia uma secretaria exclusiva para a cultura, assim como em Ouro Preto também não. A gestão da cultura estava a cargo de uma secretaria que engloba várias políticas públicas.

Outra referência importante para a cultura se refere à existência de legislação de proteção do patrimônio cultural material e imaterial, pois ela é o primeiro passo para a implementação de uma política pública de proteção cultural. Considera-se a presença desta legislação como um diferencial na gestão cultural do município e percebemos que em Mariana tem-se uma legislação de proteção do patrimônio. No contexto mineiro quase 86% das cidades tem uma legislação de proteção.

A disponibilidade de meios de comunicação é um indicador que expressa a existência, no município, de meios de comunicação tais como televisão aberta e comunitária, rádio local, geradora de televisão e provedor de internet. A disponibilidade de meios de comunicação diversificados significa maior possibilidade de divulgação das atividades, expressões e conteúdos culturais, estimulando uma melhor dinâmica cultural nos municípios. No contexto avaliativo, consideram-se como alta disponibilidade de meios de comunicação aqueles municípios com pelo menos quatro tipos, de média entre dois e três e de baixa os com apenas um equipamento de meio de comunicação. Mariana se insere em média disponibilidade, assim como 46,8% dos municípios mineiros. Cabe ressaltar que Mariana não apresenta um arquivo público e isso ocorre em praticamente 80% dos municípios mineiros.

Outra questão relevante se refere ao esforço orçamentário em difusão cultural e patrimônio e expressa a participação percentual dos gastos orçamentários municipais em

difusão cultural e preservação do patrimônio cultural no total de gastos orçamentários do município declarados na prestação de contas. Esse indicador sinaliza a importância da política pública de cultura para a municipalidade, refletindo a prioridade conferida a este setor no conjunto das políticas públicas implementadas em âmbito local. Segundo os dados da MUNIC (2014) de 2006, Mariana dispndia 4,0% de seu orçamento em difusão e patrimônio e em 2013 esse percentual caiu bastante, indo para 1,7%. No tocante aos municípios mineiros o percentual desse indicador variou entre 0,0% e 13,0%.

A pesquisa da MUNIC (2014) questionou se a prefeitura promoveu cursos de capacitação livre ou profissionalizante em atividades típicas da cultura. Em Mariana a resposta foi positiva e as áreas dos cursos ofertados foram em artes plásticas e artesanato. Nesta cidade as principais atividades artesanais desenvolvidas são o bordado, madeira e pedras.

Segundo os dados do Censo, em 2010 se caracterizaram como artesãos em Mariana 137 pessoas, o que significou apenas 0,58% do total de ocupados nessa cidade, e aproximadamente 83% eram homens e 17% mulheres. Existe uma segmentação do trabalho segundo sexo e os artesãos trabalham em pedra, madeira, vime e materiais semelhantes, enquanto as artesãs, em sua maioria, trabalham com bordado. A idade média dos artesãos é baixa, de 30,2 anos e 40% deles se encontram na faixa etária que vai de 12 a 21 anos, sendo que acima de 37 tem-se aproximadamente 23% do total, com destaque para os acima de 58 anos, com aproximadamente 17%.

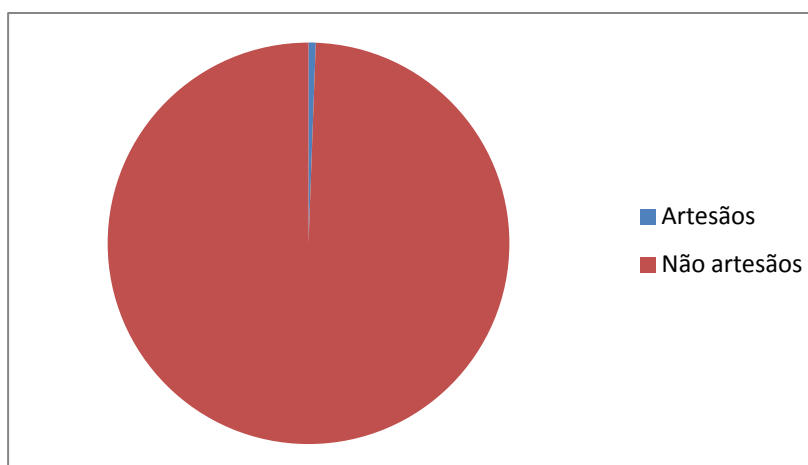


Figura 1 - Artesões em Mariana– Dados Censo 2010

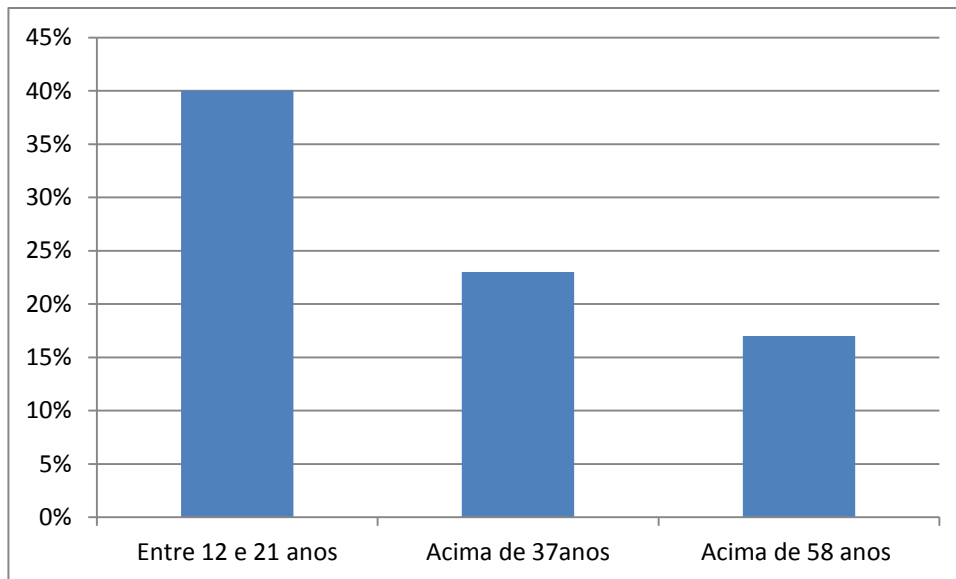


Figura 2 - Idade Média dos Artesãos (Dados Censo 2010)

A característica cor dos artesãos é distribuída, aproximadamente, em 22% branca, 29% negra e 49% parda.

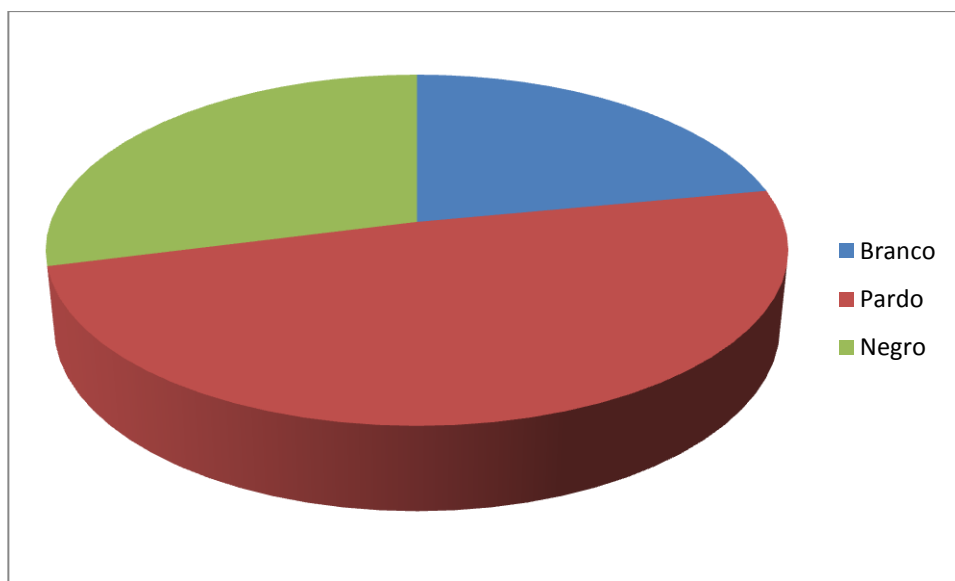


Figura 3 - característica cor dos artesãos (Dados Censo 2010)

Quando consideramos a instrução percebemos níveis baixos de escolaridade, com 54,3 dos artesãos sem instrução e fundamental incompleto, 14,5% com fundamental completo e médio incompleto e 31,2% com médio completo e superior incompleto.

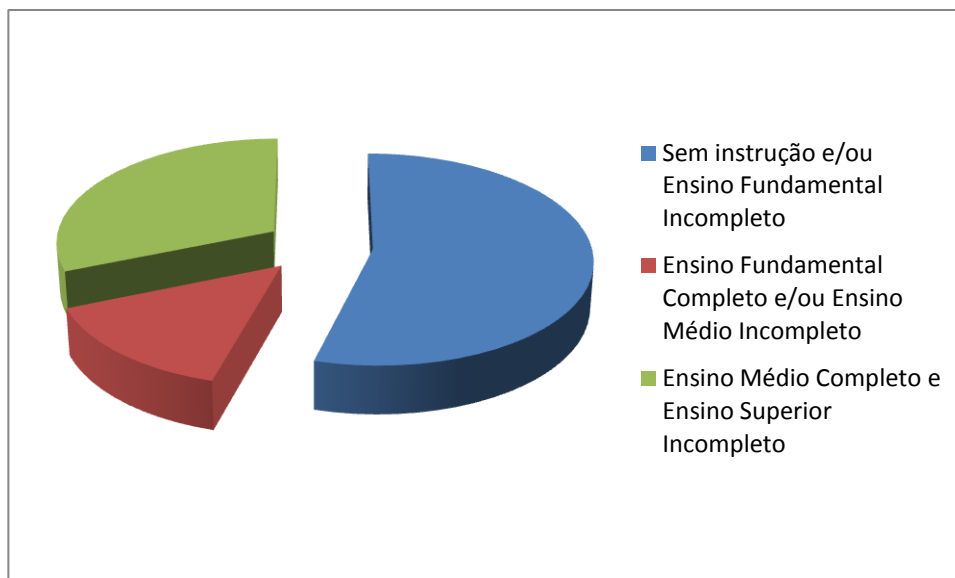


Figura 4 - Nível de Escolaridade (Dados Censo 2010)

O rendimento médio mensal dos artesãos em 2010 era de R\$ 724,9 e aproximadamente 71% recebia menos que esse valor. Como referência, o salário mínimo em 2010 era de R\$ 510,00. A faixa de rendimentos vai de quase zero até R\$ 2.000,00, com maior concentração de rendimentos entre R\$ 255,00 e R\$ 510,00, com 63,3% dos artesãos nessa faixa. Considerando a contribuição a previdência oficial, 52,5% dos artesãos contribuía e 47,5% não contribuía.

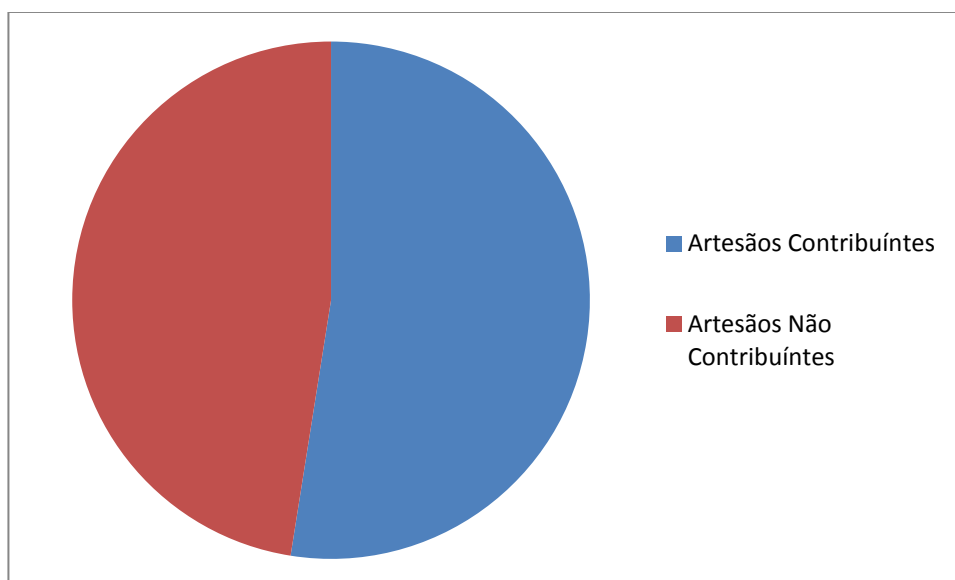


Figura 5 - Contribuição a Previdência (Dados Censo 2010)

Por fim, considerando as horas semanais trabalhadas, 18,3% dos artesãos trabalhavam até 30 horas, 65,3% entre 40 e 45 horas e quase 10% deles trabalhavam mais de 45 horas semanais.

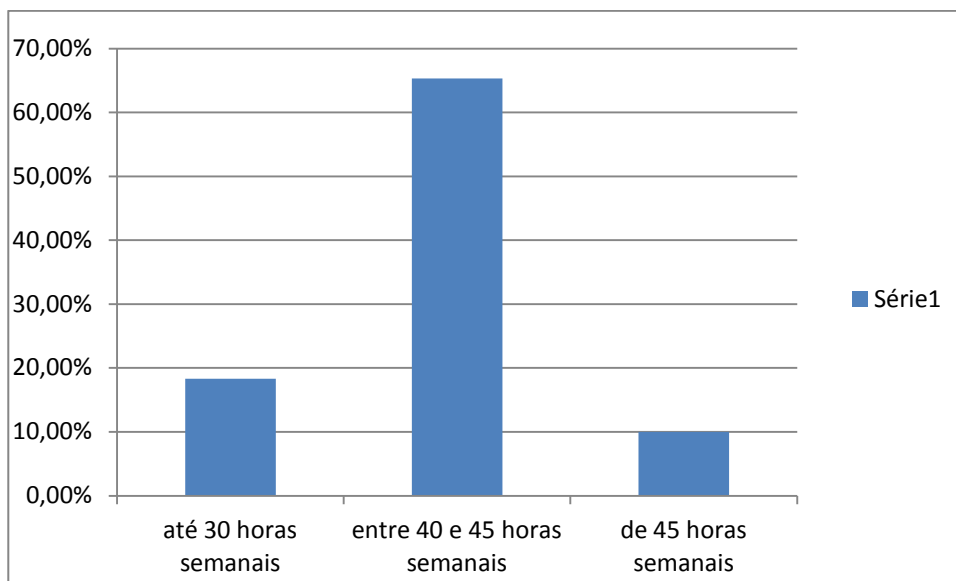


Figura 6 - Horas Semanais Trabalhadas (Dados Censo 2010)

3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NAS ASSOCIAÇÕES FEIRA MARIANENSE DE ARTE, ARTESANATO E ANTIGUIDADE (FEIRAMART) E FEIRA DE ARTES E ATELIÊ DE MARIANA (FAM).

As entrevistas para o levantamento dos dados das duas associações FEIRAMART – Feira Marianense de Arte – e a FAM – Feira de Artes e Ateliê de Mariana – foram realizado entre os meses de janeiro e março deste ano. Foram entrevistados ao todo 23 artesãos a partir de roteiro prévio. Essas duas associações são as mais ativas e funcionam regularmente e muito engajados na viabilidade delas. A FEIRAMART tem mais de trinta anos de existência e a FAM pouco mais de três anos.



Figura 7: Associação FAM



Figura 8: Associação AMAP

A FAM tem uma organização diferenciada em relação à FEIRAMART, pois além dos associados eles também contam com os colaboradores e artistas convidados, sendo os primeiros artesãos convidados a exporem seus trabalhos no espaço da associação e que contribuem com um percentual de venda dos trabalhos/produtos. Este grupo é significativo numericamente e contribui para uma maior diversidade de trabalhos da associação e as exposições ocorrem em rodízio.

Em ambas associações são compostas predominantemente pelo sexo feminino, sendo a FAM dirigida por um homem e a FEIRAMART por mulher.

Do total dos que nasceram em Mariana e região, aproximadamente um quarto viveu pelo menos três anos fora e posteriormente retornou. Predomina a população parda e branca e a negra é muito pouco representada nas duas associações. A idade dos associados se encontra entre 35 e 80 anos, com predomínio da faixa de 50 a 70. A FEIRAMART tem um espaço cedido pela prefeitura de Mariana bem no centro da cidade e a FAM aluga um imóvel para apresentar seus trabalhos e também se encontra no centro, a um quarteirão da primeira.

Na FEIRAMART aproximadamente todos tem atualmente como ocupação principal o artesanato. Dentre as principais ocupações exercidas a docência de primeiro e segundo graus foi a mais comum, seguida de comércio e outras do setor de serviços. Um terço dos associados já se encontra aposentado e o restante são trabalhadores autônomos e quase a metade deles contribuem para a previdência. Tirando os já aposentados e quando consideramos a renda derivada do artesanato, a quase totalidade

retira uma renda média mensal abaixo do salário mínimo. Cabe destacar que a renda é bastante variável mensalmente e os meses de janeiro a março, julho e dezembro são os melhores em renda para os artesãos.

Na FAM percebemos que a grande maioria também se insere no artesanato enquanto atividade principal, somente uma não tem o artesanato como atividade principal, tendo em vista que já é aposentada e como as demais se dedica ao artesanato em tempo integral. Nesta associação a maior parcela contribui para previdência e a renda média é mais elevada comparativamente à FEIRAMART, e ela é também bastante variável no calendário anual e os meses de maior rendimento são os mesmos.

Nas duas associações a atividade artesanal é a principal atividade de trabalho e, em geral, dedicam no mínimo quatro horas e no máximo dez horas diárias de trabalho. Sendo realizado em quase todos os dias da semana, no entanto a jornada é variável e depende da demanda e, para uma expressiva parcela dos associados, quando não está trabalhando na produção, eles utilizam uma parcela do tempo livre para buscarem informações sobre preços dos insumos, dos valores de venda dos produtos, cursos de qualificação oferecidos em Mariana e/ou Ouro Preto, e utilizam sites da internet para obterem essas informações e também espaço para venda, informações sobre design e de novos produtos.

As artesãs que trabalham com bordado e crochê obtiveram essa qualificação, em sua grande maioria, via transmissão familiar, seja de mães e avós ou mesmo tias. Nesse segmento de produtos as artesãs também aprendem compartilhando seus conhecimentos e a associação nesse quesito é fundamental para disseminação dos conhecimentos e habilidades das mesmas. Buscam também qualificar-se a partir de sites de internet, realizam cursos em Mariana e entorno, sejam eles ofertados pela municipalidade ou por empresas que atuam localmente, principalmente Samarco e Vale.

Os artesãos que atuam em culinária, tecidos diversos (tapeçaria, bonecos, estandartes, entre outros), cerâmica, pedra, papel machê e demais, adquiriram suas qualificações muito via transmissão familiar, mas não apenas, pois nestes segmentos existe maior diversificação de origem dessas qualificações e algumas delas inclusive foram obtidas até bem recentemente. Nesses segmentos também existem maior abertura a qualificações fora de Mariana e em geral a partir de cursos de curta duração. Buscam também qualificações via internet (cursos online, inclusive) e os ofertados em Mariana e entorno pelo poder público e privado. Por fim, cabe ressaltar que a maior parte dos

cursos realizados pelos artesãos foi gratuito, inclusive alguns viabilizados pela iniciativa privada.

Todos os artesãos entrevistados estão associados e a FEIRAMARTE existe há bastante tempo (três décadas) e a FAM é bem jovem e ainda não chegou a três anos. Os associados da primeira apresentam tempos variados dentro dela, alguns desde a origem e outros com apenas dois anos de associação. Destaca-se que ela persegue uma relativa estabilidade do número de associados e quando alguém sai eles buscam a recomposição. A segunda é muito nova e já experimentou algumas mudanças de associados e conta com um número menor deles e incluem os denominados colaboradores e convidados, artesãos que podem expor e vender produtos na associação e “artistas” locais mensalmente convidados para exporem e venderem seus produtos nela. Os motivos para associar-se são múltiplos e nos principais encontram-se o empoderamento do grupo para negociação com o poder público e privado, diluição dos custos para exposição em espaços comerciais, maior visibilidade do trabalho, diálogo contínuo com os artesãos, qualificação contínua, pertencimento de um grupo que comunga ideias semelhantes e, para uma parcela expressiva das mulheres, maior autoestima e realização profissional. Destaca-se entre os determinantes para a associação a maior facilidade de negociação de projetos comerciais e de qualificação dos artesãos junto à iniciativa privada (caso da FAM, principalmente), a obtenção do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) enquanto elemento facilitador de vendas para outras empresas, entre outros fatores.

Quando questionados se desejariam se tornar microempreendedores, a quase totalidade afirmou positivamente, destacando que dois associados já o foram e um exerce a atividade noutro ramo de negócio que não o artesanato. Na FAM todos passaram por cursos de capacitação em gestão de negócio e na FEIRAMART uma parcela menor passou por alguma capacitação em gestão. Na primeira o curso foi ofertado pela Vale a partir de um projeto que a associação conseguiu aprovar via edital, não obstante tal capacitação não ser para a viabilização de microempreendedores. Destaca-se a dificuldade dos associados da FEIRAMART em participar de cursos ofertados pelo SEBRAE, em geral em Ouro Preto, a pouca disponibilidade e informação dos cursos ofertados com o apoio da prefeitura de Mariana para os associados de ambas as associações.

Considerando o “mercado” da produção artesanal, existe uma grande diversidade de produtos ofertados, os mais comuns são o crochê, bordado, pintura em tecidos, tapeçaria, estandartes, bonecos e imagens em tecido, papel machê, culinária

diversa, principalmente doces e licores, cerâmica, pedra sabão, pinturas em geral, perfumaria com insumos locais/regionais, entre outros. Os mais representativos são o bordado e crochê e os diversos trabalhos em tecido.

Quando se questionou a origem dos materiais mais utilizados na produção, percebeu-se que as compras são realizadas em um pouco mais da metade das vezes fora do município de Mariana, prioritariamente em Belo Horizonte e via internet com entrega em domicílio, tendo em vista os altos custos de se comprar tais matérias dentro de Mariana, a pouca diversidade de materiais, e a dificuldade de negociação. Os associados realizam compras coletivas, mas essa situação não é a mais usual, pois em geral a atomização da produção e demanda em contextos e momentos muito específicos acaba dificultando uma maior racionalização da compra de insumos. As associações, via de regra, não se organizam para a compra coletiva como forma de baratear um pouco os insumos utilizados pelos artesãos.

Quando questionamos o valor de venda da produção realizada, percebemos uma enorme heterogeneidade de preços, sendo que na FEIRAMART a faixa mais recorrente de valor vai de cinco a trinta reais, existindo muitos produtos acima desse último valor, mas segundo os associados, esses saem pouco e evitam produzir para não ficar com um dinheiro muito tempo imobilizado. Quando da entrevista, o produto mais caro que ali se encontrava não chegava a duzentos reais. Na FAM a variabilidade de preço é maior e a média de valor da produção é mais alta comparativamente à FEIRAMART, tendo em vista também que são produzidos produtos de maior relevância e que despendem mais mão de obra e recursos, destacando que os produtos são mais heterogêneos, indo de tecidos à cerâmica, pinturas, pedra sabão, toalhas, entre outros.

A definição do que produzir atende a uma expectativa de demanda e os associados acompanham a mudança de padrão de consumo dos compradores, ressaltando que a decisão é sempre um prognóstico e envolve questões também subjetivas da escolha do que produzir.

As vendas são realizadas nos espaços das associações, via internet (redes sociais, sites de venda, entre outros), tendas montadas em praças e feiras de Mariana, contatos diretos e em lojas e espaços turísticos em Ouro Preto no caso dos associados da FAM. Os associados da FEIRAMART não avançaram as negociações com o comércio local para ampliarem os espaços de venda, pois a grande reclamação deles se refere ao elevado valor cobrado por esse espaço, o pouco engajamento do comércio local na venda dos produtos artesanais marianenses, entre outros fatores. Muitos associados

relatam que os maiores compradores são os turistas e essa informação confere com o período que eles afirmam serem de melhores vendas, a saber, dezembro a março e os meses de junho e julho. Entre estes podemos dizer que muitos artesãos realizam vendas sob encomenda para a população de Mariana e entorno, sendo estas significativas e inclusive em períodos considerados fracos em venda. Entretanto, em geral, os turistas compram proporcionalmente mais que a população local segundo os relatos da maior parcela dos entrevistados.

A maior parte dos artesãos trabalha sozinho e não subdivide esse trabalho. Em contextos de maior demanda e prazos menores de entrega existem o compartilhamento entre eles, pois convidam os parceiros (ou amigos, familiares, entre outros) de associação para colaborarem, remuneradamente, no trabalho, podendo ou não ser dividido em tarefas e etapas do processo. Os instrumentos de trabalho são predominantemente manuais e muito pouco se agrega de equipamentos que colaboram com algumas etapas do processo de produção. O exercício do trabalho é realizado em sua maior parte nas respectivas residências bem como nos espaços das associações e, em geral, afirmam que as condições de trabalho são adequadas, ou seja, ambiente arejado e com espaço para o exercício do trabalho. Muitas das tarefas a priori não necessitam de um lugar próprio/específico, tais como o bordado, crochê, sendo realizados em variados cômodos da casa e em locais públicos, numa menor parte das vezes. Trabalhos em pintura, cerâmica, pedra, madeira, papel machê, entre outros, necessitam de maior espaço e mesmo em algumas situações um cômodo próprio, o que nem sempre ocorre.

Quando foram entrevistados os presidentes das associações, uma das questões mais apontadas como problema foi a pequena visibilidade do trabalho dos artesãos perante tanto aos turistas, quanto também da população de Mariana. Dada a fragilidade financeira deles e dos associados, uma campanha publicitária deveria contar com apoio e parcerias da iniciativa privada e pública. A FEIRAMART utiliza um espaço público que é a central de informação ao turista em Mariana para expor seus trabalhos e mesmo neste espaço existe certa indisposição dos agentes de turismo com a exposição do artesanato.

Segundo Leite (2016), a cidade de Mariana apresenta um conjunto relevante de eventos ao longo do ano e que se insere numa clara política de ampliar o turismo na cidade. São eventos artísticos, culturais, esportivos, religiosos, educacionais, gastronômicos e que atraem uma importante população flutuante para a cidade. Não

obstante tal política percebe-se uma pequena articulação dela com a valorização e informação das qualidades do lugar, principalmente sobre o trabalho artesanal existente em Mariana.

Apesar de percebermos significativas diferenças de capacidade de gestão entre as associações, existe uma clara fragilidade de gestão de todo o processo de produção artesanal por uma parcela significativa dos associados. A parceria com uma empresa privada viabilizada pela FAM facilitou e melhorou bastante essa gestão a todos os associados e melhorou indiscutivelmente a capacidade de planejamento dessa produção e comercialização. No tocante à FEIRAMART ainda não existe uma articulação clara, o desejo sim, para viabilizar e promover tal capacitação, esbarrando em limitações de tempo, financeira e de apoio para a proposição de projetos nessa área. Isso não significa que não sejam cursos ofertados nessa área, mas são insuficientes e não permanentes. Isso se torna algo premente, pois a renda média derivada dessa atividade é baixa e torna-se uma ameaça à continuidade da mesma.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Das entrevistas realizadas percebemos que o artesanato em Mariana é secular e de qualidade, e sua sobrevivência e alternativa de geração de emprego e renda demandam um conjunto de intervenções que melhorem a visibilidade do trabalho, amplie o acesso dos turistas e da população local aos produtos, uma cidade onde o artesanato já apresenta uma referência de qualidade e diversidade da produção. Fortalecer a existência dessa diversidade produtiva e cultural junto aos espaços e instituições já existentes, e ampliá-los junto às instituições que atuam com o turismo, tais como o projeto da Estrada Real e secretarias. No tocante às grandes empresas atuantes na região e a Universidade Federal de Ouro Preto, ampliar as parcerias e projetos em áreas de gestão, design, comunicação, turismo, entre outras. Essa maior exposição associada ao turismo existente localmente, pode fortalecer uma atividade criativa, de qualidade, histórica, inclusiva socioeconomicamente, criando mais uma referência em Minas Gerais desse tipo de trabalho.

Os principais resultados das entrevistas refletem uma inserção heterogênea em termos de idade e de escolaridade, a prevalência de mulheres, baixa renda média, desigual capacidade de gestão entre as associações, uma permanente qualificação dos artesãos e capacidade de buscar alternativas de comercialização. Destaca-se o engajamento e desejo de continuar na atividade, a satisfação de grande parte das artesãs de realizar um trabalho e obter uma renda, ampliando a autoestima. A reprodução da atividade é realizada pelas duas associações a partir da oferta de cursos gratuitos para a população local, principalmente para os jovens, mas não somente.

O artesanato é uma alternativa de geração de emprego e renda e necessita de apoio para a sustentabilidade dos atuais e futuros artesãos locais.

Referências Bibliográficas

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Pensamento Econômico Brasileiro: O Ciclo Ideológico do Desenvolvimento.5.ed. Capítulo 2 – Algumas Características Básicas do Quadro Analítico Subjacente ao Debate Desenvolvimentista Brasileiro. Capítulo 11 – Características Gerais do Pensamento Econômico nas Fases de Auge e Crise do Desenvolvimento: 1956-64. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004. pps 11-32; 401-430.

FURTADO, Celso. Brasil, a construção interrompida.3.ed. Capítulo 4 – A Nova concepção do desenvolvimento. São Paulo: Paz e Terra,1992. pps73 – 81.

FURTADO, Celso. Raízes do subdesenvolvimento. Capítulo 3 – Subdesenvolvimento e Distinção da Renda. Capítulo 4 – As Estruturas Econômicas Latino-Americanas. Capítulo 5 – Particularidades do Caso Brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,2003. pps 85-117; 117-153; 153-215.

FURTADO, Celso. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento.5.ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. pps 25- 231.

FURTADO,Celso.O mito do desenvolvimento econômico.3.ed. Rio de Janeiro: Paz E Terra,1974.

MARINI, Ruy Mauro. Dialética da Dependência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pps 7-294.

OLIVEIRA, Francisco. A Navegação Venturosa. A Navegação Venturosa. Celso Furtado e o Pensamento Econômico Brasileiro. São Paulo: Boitempo, 2003. pps 11-39; 39-59.

PERREIRA, Luiz Carlos Bresser. A teoria econômica e os países subdesenvolvidos. Rev. adm. empres. São Paulo. v.7, n.24, p. 1-26, julho/ setembro. 1967. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v7n24/v7n24a01.pdf>> Acesso em: 01 de junho de 2017.

RUY Mauro Marini e a dialética da dependência. Série Realidade Brasileira. Realização: Editora Expressão Popular e Escola Nacional Florestan Fernandes. Coordenação Geral: Cecília Luedemann e Miguel Yoshida. 27 de maio de 2014. Documentário, 51'43". Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=ww4_HoY-UYA> Acesso em: Junho de 2017.


SCHUMPETER. A teoria do desenvolvimento econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS – DEECO – ICSA
COLEGIADO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS



Certifico que o trabalho de conclusão de curso intitulado:
**"UM ESTUDO DAS PERSPECTIVAS PARA O DESENVOLVIMENTO
E A RECONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE MARIANA"**, de
autoria do(a) aluno(a) **"ANGÉLICA SILVA DE OLIVEIRA"** foi
aprovado sem recomendações de alteração pela banca
examinadora e que estou de acordo com a versão final do
trabalho.


Orientador
Prof. Dr. Daniel do Val Cosentino

Mariana, 4 de julho de 2018.